

A ASCENSÃO DOS GOVERNOS EXTREMISTAS: UMA PERSPECTIVA PSICOPOLÍTICA

RIBAS, L. N.¹

RAMALHO, A. M. A.²

RESUMO

Este artigo examina os fatores sociais e psicológicos que contribuem para a ascensão de governos extremistas, destacando a influência de alguns fatores específicos do fenômeno. O artigo utilizou uma abordagem psicopolítica, explorando como esses fatores impactam a formação da opinião política e a legitimação de regimes autoritários. A metodologia do estudo foi baseada em uma revisão bibliográfica de caráter transversal e qualitativo, com objetivo exploratório e descritivo. A pesquisa integrou teorias da psicologia política, psicologia social e ciência política, destacando seis fatores principais que contribuem para a ascensão de governos extremistas: crises econômicas, insegurança social, identificação e desmoralização de inimigos, discursos de ódio, difusão do pensamento político extremista no cotidiano, e a polarização política. A pesquisa sugere que esses fatores, alimentados por instabilidades sociais e políticas, facilitam o apoio popular a regimes autoritários, ao promover a percepção de ameaças e a necessidade de controle e segurança. O artigo destaca também como o discurso de ódio e a desumanização de opositores fortalecem ideologias radicais e polarizam a sociedade.

Palavras-chaves: Extremismo político, Insegurança social, Psicopolítica, Formação da opinião política.

ABSTRACT

This article examines the social and psychological factors that contribute to the rise of extremist governments, highlighting the influence of specific aspects of this phenomenon. The article used a psychopolitical approach, exploring how these

¹Ludimla Nogueira, Graduando do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2024. Contato: ribasludimila@gmail.com

² Amanda Maria de Almeida Ramalho, Orientadora da Pesquisa. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2024. Contato: amanda.ramalho@fap.com.br

factors impact the formation of political opinion and the legitimization of authoritarian regimes. The study's methodology was based on a cross-sectional and qualitative literature review, with an exploratory and descriptive objective. The research integrated theories from political psychology, social psychology, and political science, highlighting six main factors that contribute to the rise of extremist governments: economic crises, social insecurity, identification and demoralization of enemies, hate speech, diffusion of extremist political thought in everyday life, and political polarization. The research suggests that these factors, fueled by social and political instabilities, facilitate popular support for authoritarian regimes by promoting the perception of threats and the need for control and security. The article also emphasizes how hate speech and the dehumanization of opponents strengthen radical ideologies and polarize society.

Keywords: Political extremism, social insecurity, psychopolitics, formation of political opinion

INTRODUÇÃO

O Extremismo se caracteriza como uma tendência, um comportamento ou um específico modelo de ação política adotados por um partido ou grupo político que rejeita as regras de jogo de uma comunidade política, e fazendo por modificá-los radicalmente (Bobbio, 1998, p. 590).

Nos últimos anos, tem sido testemunhado um ressurgimento alarmante de governos e movimentos políticos extremistas em diferentes partes do mundo. Este fenômeno complexo tem despertado crescente interesse na compreensão de suas raízes e dinâmicas. Por meio de uma análise psicopolítica, o presente artigo busca desvelar as interações complexas entre fatores econômicos, sociais e psicológicos que alimentam o crescimento do extremismo político e suas ramificações nas sociedades contemporâneas.

O estudo sobre a emergência de governos extremistas e os aspectos psicológicos envolvidos na formação do pensamento político radical é de extrema relevância devido aos crescentes casos de radicalização política em diversas partes do mundo. De acordo com The Economist Intelligence Unit, a pontuação média global de governos democráticos alcançada em 2023 foi a mais baixa desde o início

da pesquisa em 2006, apontando que menos de 8% da população mundial vive sob uma democracia plena.

Compreender os fatores históricos, sociais e psicológicos que contribuem para esse fenômeno é fundamental para identificar padrões e tendências que podem ajudar a prever e evitar crises políticas e sociais, pois os comportamentos, incluindo o político não são independentes do contexto no qual são produzidos, o erro fundamental de atribuição, consiste em destacar as dimensões individuais e ignorar o contexto ao tentar explicar a conduta (Sabuceno, Alzate, Román, 2020).

No presente estudo, o objetivo geral foi analisar os processos psicológicos presentes na formação da opinião política extremista e suas extensões ao cotidiano, responsáveis por criar um clima de insegurança social.

Para isso, foram estabelecidos objetivos específicos que incluíam analisar a relação entre o contexto histórico e social de uma nação e a emergência de governos extremistas, identificando padrões e tendências que possam contribuir para uma compreensão mais abrangente desse fenômeno, investigar os aspectos psicológicos envolvidos na formação da opinião política, com foco no papel do sentimento de insegurança social como um possível motivador para a adesão a ideologias extremistas e examinar a relação entre a insegurança social e a necessidade psicológica de controle oferecida pelos governos extremistas.

Outro foco foi sintetizar os resultados e conclusões dos estudos revisados destacando as descobertas relacionadas ao tema e contribuir para uma compreensão mais ampla a respeito dos fatores psicológicos que contribuem para ascensão de governos extremistas com base nas evidências encontradas na literatura revisada.

METODOLOGIA

O artigo foi realizado através de uma revisão bibliográfica de caráter transversal e qualitativa, de objetivo exploratório e descritivo. Essa revisão visou examinar e elucidar os conceitos-chave, teorias e fatores que influenciam um fenômeno específico, buscando também aprofundar e esclarecer os temas discutidos (Gil, 2002). Desta forma o tema abordado, a emergência dos governos extremistas e as características psicológicas no contexto social que impulsionam a aceitação e propagação de ideais partidários de caráter extremo no cotidiano.

O artigo adotou uma abordagem interdisciplinar, integrando teorias e métodos da psicologia política, psicologia social e ciência política para uma compreensão abrangente desse fenômeno complexo. Foram utilizados artigos sobre o tema proposto encontrados no Google acadêmico, no Site Scielo Brasil, utilizando as palavras-chave, “Extremismo”, “Governos Extremistas”, “Insegurança Social”. Bem como livros da área de Psicologia Política, e ciência política. O artigo tem como objeto principal de estudo características específicas e comuns observadas em governos autoritários da atualidade em todo o mundo, apontando suas semelhanças em processo de emergência. Foram analisados os processos psicossociais envolvidos na formação da identidade política, na percepção de ameaças sociais e no desenvolvimento de atitudes extremistas entre os cidadãos.

Por fim, foi realizada uma análise qualitativa dos artigos selecionados, a qual possibilitou uma reflexão aprofundada sobre os aspectos psicológicos que impulsionam a ascensão de governos extremistas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Psicologia Política busca investigar as interações entre indivíduos e sistemas políticos, analisando como as ideologias, os processos de tomada de decisão e as estruturas de poder influenciam os aspectos psicológicos. Essa área considera questões como poder, liderança, identidade política e a formação de atitudes e crenças políticas (Monteiro, 2004).

A fim de compreender o fenômeno da ascensão dos governos extremistas, foi necessário observar através da história que existem incongruências presentes nos eventos que culminam na formação de um partido e ascensão de um governo populista, com ideais autoritários e extremos.

Dentre as características mais marcantes e comuns que contribuem para formação de governos e do próprio pensamento extremista, serão destacadas no presente artigo seis dos principais marcos para tal, serão elas: a) Crises Econômicas; b) Insegurança Social; c) Identificação e desmoralização do inimigo; d) Discurso de Ódio; e f) Difusão do Pensamento Político no Cotidiano.

Crises Econômicas

As crises não são encaradas como fenômenos pontuais, frutos de conjuntura específica e, sim, consequência direta da própria natureza do capitalismo (Coggiola,

2009). As crises de 1873, de 1929 e de 2008 não foram apenas econômicas, com aumento significativo de desemprego e pauperização das massas, elas deram início a processos que resultaram em um verdadeiro fracasso nas sociedades, e conseqüentemente, duas guerras mundiais, crescimento do nacionalismo exacerbado, surgimento de movimentos nazifascistas, xenofobia etc.

É importante salientar que a relação entre os fenômenos não acontece de maneira direta, e que existem diversos agentes modificadores entre ambos acontecimentos.

Insegurança Social

Como já salientado anteriormente, as crises econômicas geram diversas conseqüências negativas em uma sociedade atingida, dentre essas conseqüências, podemos citar o desemprego, inflação, e outros diversos tipos de problemas sociais. De maneira geral, todos estes problemas, psicologicamente podem ser traduzidos pelo termo, 'insegurança social'.

A insegurança social se baseia na incapacidade de acreditar que seus direitos serão garantidos pelo estado em momentos de crise. Em um cenário onde as oportunidades de emprego estão escassas, e o dinheiro já não é capaz de comprar quase nada, é comum surgir situações de revolta, onde a classe mais baixa se sente injustiçada, dando início a luta por dignidade e garantia de direitos, "não é coincidência que Mead fala nessa passagem de 'dignidade', que o sujeito se vê confirmado no momento que, pela preservação de seus direitos, é reconhecido como membro da comunidade" (Honneth, 1997, p.99-109, tradução nossa).

A classe média, por sua vez, reproduz e se identifica com um estilo de vida, que são próprios das classes altas, devido ao medo desencadeado pela ameaça deste estilo de vida, e o risco de ser rebaixado de sua classe atual, desencadeia um fenômeno onde a submissão se funde com a identificação e a rebelião aparece como desprezo e diferenciação dos mais similares (Parisí, Pagnone, 2020).

Segundo Feldman e Stenner (1997, tradução nossa), as atitudes políticas das pessoas tendem a se tornar mais conservadoras quando percebem ameaças significativas ao seu grupo social ou à sua segurança. Essas ameaças podem ser de diversas naturezas, como mudanças culturais, crises econômicas, insegurança física ou mesmo a presença de grupos externos. A ideia central é que, ao se sentirem

ameaçados, os indivíduos adotam posturas mais defensivas e avessas ao risco, buscando preservar o status quo e a estabilidade.

Identificação e Desmoralização do Inimigo

A Psicologia Política clássica sabe há muito tempo que a melhor tática para fortalecer a vinculação interna de um grupo é a criação de um inimigo externo, um clássico exemplo de tal estratégia foi no nazifascismo, onde a culpa da crise econômica da Alemanha foi depositada na conta do Judeus. Segundo Tajfel & Turner (2004, tradução nossa), o objetivo da retórica da produção de um inimigo é a fabricação de uma polarização entre um endogrupo visto como positivo, e um exogrupo, visto como negativo.

Fiske (2021, tradução nossa), desenvolveu em sua teoria o conceito de viés de confirmação, que se trata da tendência de buscar e interpretar informações de modo a confirmar crenças pré-existentes. Esse viés é particularmente relevante na política, onde as pessoas frequentemente buscam notícias que reforçam suas posições, ignorando informações contrárias. Este conceito aplicado à identificação do inimigo confirma a percepção de que a marginalização do exogrupo nem sempre se relaciona com algo presente na realidade, a necessidade de encontrar um inimigo, impulsiona a pesquisa de evidências que possam confirmar essa linha de pensamento.

A teoria da Ameaça Percebida de Feldman e Stenner (1997, tradução nossa), já citada anteriormente, salienta que quando um grupo se sente ameaçado, ele tende a se afastar ainda mais do grupo oposto e a reforçar sua própria visão de mundo. Além disso, a ameaça percebida está ligada ao aumento do preconceito e da discriminação, já que as pessoas passam a ver “outros” como fonte de perigo e instabilidade, sendo natureza da ameaça real ou imaginada, muitas vezes possui uma dimensão subjetiva.

Tanto para dar coesão ao endogrupo como para pressionar o exogrupo, realizam-se associações negativas relacionadas a caráter, conduta e até mesmo características biológicas tidas como negativas, comparações nestas onde residem os mais diversos comentários xenófobos, machistas, homofóbicos e racistas, colocando sempre o endogrupo em situação de superioridade em relação ao exogrupo, demonstrando a forma com que o discurso impõe o caráter de

qualificação dos indivíduos e da própria sociedade em preto e branco, uma simples diferenciação entre bom e mau.

Discurso de Ódio

A linguagem nas relações e interações humanas, corresponde aos estados psicológicos e se expressam através de palavras de conteúdo e estilo (Pennebaker, 2011, tradução nossa). Levando em consideração a afirmativa de Pennebaker, pode-se considerar que quando um discurso agressivo se torna amplamente presente nas discussões políticas, é possível ver o reflexo da condição psicológica da sociedade em que se difundem tais discussões.

O discurso de ódio ocorre no direcionamento de palavras de insulto ou intimidação a um indivíduo ou grupo de pessoas que compartilham das mesmas características, mas também pode ocorrer ao se instigar que outras pessoas participem e compartilhem de um discurso discriminatório.

É possível observar que na cultura da guerra, as partes enfrentadas produzem discursos que dão uma visão polarizada do conflito, deslegitimam o adversário e legitimam o uso da violência, contribuindo diretamente para a intensificação do conflito, o mesmo pode ser notado nos discursos políticos extremistas.

O discurso de ódio se manifesta, sem dúvidas, como uma forma de violência não física, onde as palavras assumem a condição de arma altamente destrutiva. Ele reside nas diversas formas de manifestação com o intuito de excluir, discriminar ou ofender o grupo contrário, em razão de possuírem um ou mais elementos supressivos, podendo ser religião, etnia, opinião política, entre outros. (Giaccoia, Santos, 2020).

Uma vez que o “inimigo” é identificado, e é submetido ao contexto de desmoralização ou ataque violento contra o mesmo é facilitado, e uma característica da atualidade que facilita ainda mais os ataques nos discursos de ódio são as mídias sociais, pois nestas condições o outro não passa de um simples nome de usuário.

No ambiente digital os custos e consequências de postar algo ofensivo, preconceituoso e até mesmo criminoso, são extremamente baixos, a dificuldade de identificação de usuários para a realização das devidas punições, é praticamente impossível, e a disseminação de notícias falsas, as popularmente conhecidas “Fake News”, corroboram com o fortalecimento de tais discursos dando falsa credibilidade

ao que se pronuncia no meio de comunicação, destaca a importância que estas ferramentas possuem na disseminação e fortalecimento dos discursos de ódio.

Difusão do Pensamento Político no Cotidiano

A partir da perspectiva psicopolítica, é possível observar que os extremismos políticos não se expressam somente nos conflitos radicais, mas em muitas formas de ativismo político que no âmbito cognitivo se configuram como comportamentos rígidos e intolerantes, sua difusão em espaços variados e a propagação do ódio são fenômenos pouco investigados, se mostrando como uma lacuna na literatura.

Proposta por Fiske (2021, tradução nossa), a Teoria da Cognição Social explora como as pessoas processam, armazenam e aplicam informações sobre o mundo social, incluindo o desenvolvimento de crenças políticas. Essa abordagem sugere que o pensamento político se forma de maneira semelhante ao processamento de outras informações sociais. A teoria é baseada na ideia de que os indivíduos simplificam informações complexas e formam julgamentos rápidos com base em experiências passadas e informações acessíveis, de forma com que uma mesma linha de pensamento possa ser aplicada em diferentes contextos, ocasionado muitas vezes uma generalização de conceitos que muitas vezes, não se relacionam de forma direta.

Segundo Hur & Sabuceno (2020), nos dias atuais o extremismo e a polarização se expressam de maneira tão intensificada que passaram a emergir muito além do espaço político, se desdobrando em muitas novas formas de expressão. Estão presentes na maneira de ver e pensar dos indivíduos de forma com que diversos fenômenos já não possuem mais o mesmo significado.

É possível hipotetizar que esta amplitude tomada pelo comportamento extremo seja uma consequência da acalorada expressão das ideias relevantes ao grupo extremo de se demonstrar como não somente um posicionamento político, mas também um estilo de vida, fazendo alusão a valores de grande importância para deus adeptos, sendo eles baseados em senso comum ou com certo cunho religioso.

Tal estratégia pode ser notada no próprio partido Nazista:

“É evidente que o novo movimento só poderia ter a devida importância, a força necessária para essa luta gigantesca, se conseguisse despertar, no coração de seus

correligionários, desde os primeiros dias, a convicção religiosa de que para ele, a vida política deveria ser, não uma simples senha eleitoral, mas uma nova concepção de mundo e significado doutrinário” (Hitler, 1926, p.235).

Este fenômeno demonstra o quanto a polarização se estende além do espaço político, estando presente na vida dos cidadãos, e sua intensidade trouxe consigo as disputas violentas pela verdade.

Dono, Alzate, Seoane e Sabuceno (2018, tradução nossa) propuseram um estilo cognitivo intitulado monopólio da verdade, que associaram a posições políticas extremas, em que sua origem se situações realismo ingênuo, a convicção de o que alguém percebe é o real, é a verdade. Sendo assim a certeza que se possui é que o outro está errado, e partindo desta ideia, muitas vezes existe a tentativa de libertar o outro de uma falta realidade, mas em situações tão inflamadas de uma discussão política, não se trata de uma tentativa de liberdade e sim de uma violenta imposição.

A partir dos pontos abordados no presente trabalho podemos notar a manutenção de sentimentos, sendo sempre relacionados a fomentação da insegurança pós crise, medo de uma ameaça fantasma, medo de um inimigo que não existe, e raiva do opositor, raiva do “outro”. Esse movimento que a sociedade promove de comoção social, polarização em todos os campos da vida e da cultura, só colabora para um ambiente caótico, aumentando cada vez mais a tensão e a violência, se tornando um ambiente que já não é saudável para nenhum dos “lados”.

Estudar a psicologia dos governos extremistas trata-se de compreender todo este movimento que a sociedade realiza, em torno de uma disputa política se estendendo a todos os outros campos da vida cotidiana, a mente e relações interpessoais dos indivíduos, às modificando profundamente.

CONCLUSÃO

O estudo dos governos extremistas pode ser abordado por diversas áreas do conhecimento, ainda assim existem diversas lacunas no entendimento deste fenômeno ficando a cargo da psicologia política e social compreender tais lacunas, a partir da interpretação dos fenômenos cognitivos presentes em cada etapa da formação e consolidação do pensamento político. A incorporação destes fenômenos na visão dos indivíduos traz ao cotidiano da população todas as características de

um governo extremo, marcados pela polarização não somente política, mas também de grupos sociais, e a disseminação dos discursos de ódio muitas vezes ocasionando a relativização dos direitos humanos. As discussões acerca do tema trazem o questionamento e a possibilidade de minimizar os efeitos negativos deste fenômeno e até mesmo de evitar a reincidência no futuro, realizando a manutenção de uma democracia positiva e garantia dos direitos de expressão. Ao reconhecer como sentimentos de descontentamento, medo, raiva e alienação podem ser explorados por líderes, podemos implementar medidas que fortaleçam a resiliência da sociedade contra ideologias prejudiciais. Além disso, ao abordar as necessidades psicológicas subjacentes dos indivíduos, como a busca por identidade, pertencimento e segurança, podemos promover alternativas saudáveis e inclusivas que desafiam a narrativa extremista e fomentar a coesão social. Além de apontar padrões e teorias é necessário salientar que não existe ciência específica que descreve perfeitamente as relações humanas em qualquer campo, e que o objetivo do presente artigo, é oferecer perspectiva através de teorias psicológicas e fatores observáveis em mais de um contexto, evitando a tendência de condenação de um determinado grupo.

REFERÊNCIAS

Bobbio, Norberto; Matteucci, Niccolò; Pasquino, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

Coggiola, O. **As grandes depressões** (1873-1896 e 1929-1939): fundamentos econômicos, consequências geopolíticas e lições para o presente. São Paulo: Alameda, 2009.

Democracia Index, 2023. Disponível em: <https://www.eiu.com/n/campaigns/democracy-index-2023/>. Acesso em: 13 de maio de 2024

Dono, M., Alzate, M., Seoane, G., Sabuceno, José Manoel. **Development and Validation of The Monopoly on Thruth Scale: A mestre of políticas extremism.** 2018. 30p. Psicothema.

Feldman, Stanley; Stenner, Karen. **Perceived threat and authoritarianism. Political Psychology**, v. 18, n. 4, p. 741-770, 1997.

Fiske, Susan T.; Taylor, Shelley E. **Social cognition: from brains to culture.** 3rd ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2021.

Giacoaia, Gilberto; Santos, João Ricardo. **Discurso de Ódio e a Psicologia das Massas: O Poder Destrutivo das Palavras.** 2020. 154- 171p. Revista Faculdade de Direito do Sul de Minas, Pouso Alegre, jul/dez 2020

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 14 maio 2024.

Hitler, Adolf. **Minha Luta.** São Paulo: Editora Moraes, 1983.

Honneth, A. **La Lucha por El Reconocimiento.** Barcelona: Critica, 1997.

Hur, Domenico Uhng; Sabuceno, José Manuel. **Psicologia dos Extremismos Políticos:** Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

MONTERO, Maritza. **Teoria e prática da psicologia comunitária: a tensão entre comunidade e sociedade.** Petrópolis: Vozes, 2004.

Parisi, Eliot Rodolfo; Pagnone, Marina Cuello. **Processos Psicossociais Detrás do Triunfo de Macri na Argentina.** In: Hur, Domenico Uhng; Sabuceno, José Manuel. **Psicologia dos Extremismos Políticos:** Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

Pennebaker, J. **The Secret Life of Pronouns**. [Recuperado em <http://www.secretlifeofpronouns.com/>], 2011.

Sabuceno, José Manuel; Alzate, Mónica; Román, Cristina Gómez. **Extremismo e Secessionismo em Contextos de Crise**: o movimento independentista na Catalunha/ Espanha. In: Hur, Domenico Uhng; Sabuceno, José Manuel. **Psicologia dos Extremismos Políticos**: Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

Tajfel, Henri; Turner, John C. **The Social Identity of Intergroup Behavior**. [S.U.] : Psicologia Press, 2004.